

# Transferência, compulsão à repetição e pulsão de morte

Giovanna Bartucci

Através da apresentação de vinhetas clínicas, e operando a partir da última dualidade pulsional estabelecida por Freud, este artigo objetiva diferenciar os conceitos de repetição transferencial e compulsão à repetição.

*“Trata-se de reconhecer a força primordial, constante e absolutamente necessária, da pulsão de morte;... é ela quem garante em suma a presença-ausência do Outro, sem o qual não existe um ‘eu’ que fala e deseja.”*

Serge Leclair, *Mata-se uma criança*

O filho desejado e o filho não desejado, o desejo de ter filhos e o desejo de não ter filhos — assim parecia ser com Roberta, a mãe. A última de 8 irmãos, conta que quando sua mãe a teve, já não agüentava mais cuidar de criança, já não tinha mais energia. Nas festas da escola, as mães de suas amiguinhas estavam sempre presentes, sua mãe sempre ausente. Todos ficavam espantados quando, por acaso, ela aparecia. O pai, nem pensar. Tinha os olhos voltados para seus filhos homens. “É por isso que eu estou em todas as festas da escola dos meus filhos, não quero que eles vivam o que eu vivi”, diz Roberta.

Já tendo procurado outros profissionais, Roberta me telefona, encaminhada pela escola de seus filhos, e diz que dentro de 3 ou 4 meses estará de mudança para o exterior. A escola, a qual ela e o marido haviam esco-

lhido para os filhos, pedia-lhes alguns testes. Eu necessitava aplicar testes de QI e alguns outros. Deveria testar a capacidade dos meninos e responder algumas questões de interesse da escola. Peço uma entrevista com os pais e as crianças para escutar esta demanda. O que deveria eu *atestar*?

Um casal jovem, em torno dos seus quarenta anos, chega ao consultório, com ele dois meninos de seis anos e meio. O casal se senta e os meninos se sentam numa mesinha ao lado aguardando uma certa orientação em relação ao que fazer. Por fim começam a desenhar, Gabriel esperando para ver o que Rodrigo faria, para em seguida segui-lo em sua atitude.

**Giovanna Bartucci** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, autora de *Borges: a realidade da construção. Literatura e psicanálise*, Imago, 1996 e *A doença da morte: um direito de asilo*, Annablume Editora, 1998.

O pai discorre sobre os filhos, como quem diz já saber o que esperar. O casal parece ter muitas certezas sobre esses filhos, gêmeos, por sinal, não univitelinos.

Rodrigo é a minha cara, diz o pai. Muito inteligente, acima da média, sempre muito determinado, é o melhor da classe. Quando se senta ao computador, não desiste de seus desafios com facilidade, vence uma etapa após a outra, já sabe ler. É bonito, desde muito pequeno era muito parecido comigo no modo de ser, de agir, conta o pai.

Gabriel, no entanto, está tendo dificuldades em seu processo de alfabetização, diz a mãe. Quando se senta ao computador desiste com facilidade, se não consegue acertar, se dispersa, não é muito inteligente. Viria a saber, mais tarde, que seria este o *sintoma* de meu pacientezinho: atraso/dificuldade em seu processo de alfabetização, em uma língua que não é a sua língua materna.

**E**stranho fenômeno, este em que se conjugam repetição e primeira vez.

Gabriel também é feinho, diz a mãe. Sempre foi o mais feinho. Quando os meninos nasceram todos ficavam “em cima” do Rodrigo, porque ele era lindo, e deixavam o Gabriel de lado, conta a mãe em uma das sessões de atendimento do casal

de pais. “Eu me sentia mal e ficava cuidando dele, não deixava ninguém cuidar dele. Só eu podia dar de mamar. Eu tinha medo que *algo acontecesse a ele*.”

Roberta, a preferida de uma mãe que “não queria mais saber de criança” – de filhos – tem uma irmã gêmea que ocupa em relação a ela o lugar que Gabriel ocupa em relação a Rodrigo, seu irmão gêmeo. Roberta é a preferida de uma mãe cujo desejo em relação aos filhos se apresenta cindido. Há, por um lado o desejo de ter filhos, por outro, há o desejo de não ter filhos.

Quando fala da viagem para o exterior, Renato diz desejar realizar o sonho de Roberta. Mas, para Roberta, Renato é, na verdade, um marido insuficiente, um pai insuficiente. Roberta tem muitas queixas contra Renato. A que mais a mobiliza é que Renato nunca está presente para os filhos, muito menos para ela. Renato nunca pára, nunca lhe dá atenção, está sempre trabalhando. Quando ela lhe pede que olhe as crianças, Renato junta um monte de revistas que não conseguiu ler durante a semana, trabalho do escritório, e enquanto olha as crianças, trabalha. Roberta diria: enquanto trabalha, olha as crianças.

Seu pai, também, só tinha olhos para os filhos. A reclamação de Roberta é que seus irmãos são superprotegidos. Sua reclamação básica, entretanto, é depositada sobre sua mãe, que já não tinha mais tempo e energia para Roberta.

### **Transferência, compulsão à repetição e pulsão de morte**

Pois sim, a transferência foi, desde tempos psicanalíticos e imemoriais, a cruz e a espada freudiana, e Freud aquele a oferecer a seus pacientes uma teoria psicanalítica cujo princípio é o engendramento constante da situação; é, em cada tratamento, colocação em andamento do sintoma como teoria de si desconhecida pelo sujei-

to. A transferência “é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e (...) a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual”<sup>1</sup>. Na medida em que o que se repete é o que escapa à representação, à cena representada e figurada, a transferência é um agir e não um dizer, ou, então, um dizer que é fazer, como diz J.-B. Pontalis. “A verdadeira repetição, no sentido freudiano, que a transferência provoca, é o que escapa à representação.”<sup>2</sup> A transferência será o testemunho atual do mundo fantasmático do analisando, cujos objetos investirão o analista. Nessa medida, as vinhetas clínicas aqui apresentadas têm como função figurar aquilo que poderá ser da ordem do simbolizável, ou seja, da repetição transferencial. Estranho fenômeno este em que se conjugam repetição e primeira vez. Têm, também, como função tentar circunscrever, desenhar os contornos, daquilo que poderá estar destinado à compulsão à repetição. Ensaia-se, para aquele da poltrona, um improviso.

Em se tratando do trabalho com casais, ou com casal de pais, no entanto, há autores que sustentam que “tudo (...) que se passa na relação com o analista é, de um modo ou de outro, o que se passa na relação entre os cônjuges, com a diferença de que o analista está diferentemente posicionado... e que o modo de relação com o terapeuta é igualmente um modo de relato, emocional, da história daquele casal”<sup>3</sup>. Prefiro entender o trabalho com casais ou com o casal de pais como da ordem de uma atualidade daquilo que está sendo vivido na sessão. Aquilo que se repete na sessão com o casal de pais inaugura uma relação a três que não está isenta dos efeitos do inconsciente. No entanto, o que insiste, o que está *destinado* à compulsão à repetição, é o que não consegue se ligar, ou seja, o que não obtém ordens de significação estruturantes.

Sabemos que a insistência repetitiva do inconsciente só poderá ser neutralizada — parcialmente — mediante a elaboração. A interpretação, para além de seu efeito pontual, implica um processo de elaboração e supõe um trabalho de diferenciação e de reorganização dos investimentos objetivos, uma vez que, ao operar um deslocamento em relação à causalidade, a interpretação reorganizará o campo de significação.

Mas, e quando as palavras não faltam, quando a linguagem, instrumento por excelência do trabalho analítico, se mostra insuficiente? E quando as palavras faltam também a eles, nossos analisandos?

Durante as entrevistas iniciais com o casal, Renato passa grande parte das sessões falando a respeito de sua relação com seus pais. Seu pai e sua mãe haviam se separado. Abandonados pela mãe, ele e sua irmã permanecem com seu pai, quem, no entanto, tratava de superproteger sua irmã. “Minha irmã, hoje, não pode fazer nada”, diz Renato. Enquanto o pai exigia tudo aquilo que o menino Renato podia dar e ainda algo mais, acobertava “os erros” da irmã; a irmã tudo podia.

“Um tostão por seus pensamentos”<sup>4</sup>, diz o ditado. No caso de Renato, seu pai lhe dava R\$ 1,00 a cada ponto que alcançava em suas notas. Em outras palavras, nota dez, R\$ 10,00, nota nove, R\$ 9,00. Por certo, Renato hoje é um homem rico, extremamente exigente naquilo que faz. Poderíamos nos perguntar o que uma criança quer dos pais quando recebe uma boa nota na escola? A resposta não parece ser tão enigmática assim — amor. As crianças buscam o amor de seus pais, dentro ou fora da escola. E Renato parece não se cansar de buscar o amor de seu pai neste lugar cindido — o significante “dinheiro” pareceria ser o significante da clivagem. Um pai, abandonado pela mulher pela qual é apaixonado — deprimido, só pensa nela — se volta também para sua filha, abandonando seu filho. Talvez por isso, Renato

quer me pagar durante o mês, em momento inesperado, fora de sua data de pagamento. Transferencialmente, pagar a analista está mais para uma tentativa de desviar o seu olhar, desviar a sua escuta do lugar de cisão.

A testagem de Rodrigo corre sem problemas. Executa os testes com destreza, corresponde às expectativas para sua idade, e aparentemente não está sobrecarregado com as ex-

quebra o braço. Parece temer o fantasma parental: para que Rodrigo possa ser o máximo, Gabriel precisa ser o mínimo. Embora muito bom nos esportes, organizado, este não é um lugar valorizado por seus pais. Gabriel é bom nos esportes porque não é tão inteligente quanto Rodrigo, porque ainda não aprendeu a ler, porque é o último da classe, dizem papai e mamãe. Durante uma de suas sessões, brincando de “Gabriel pode saber”, diz que é a mamãe que não deixa ele saber, que Rodrigo é sempre o primeiro, que tudo lhe toma.

Os resultados da testagem de Gabriel dão na média. Gabriel é um menino normal. Assim como Rodrigo, é um menino bonito. Com os olhinhos brilhando, se surpreende que estejam começando a olhá-lo diferentemente. Desconfiada dos resultados de Rodrigo, reavalio seus testes, corrijo a pontuação. Os resultados corretos situam-se na média, assim como os de seu irmão.

A configuração familiar começa a se mover quando dos resultados da testagem. “Surpresos”, o pai e a mãe têm de se confrontar com o fato de que os resultados dos testes de seus filhos não são tão divergentes assim. Gabriel, afinal, é um menino normal, assim como Rodrigo. Gabriel, no entanto, dá voz a algo que não pode ser dito; seu sintoma é sua dificuldade de aprendizagem, “Gabriel não pode saber, Gabriel não pode crescer”. Configuram-se nas relações familiares, lugares cindidos da ordem do bom e do mau, do satisfatório e do insatisfatório, do inteligente e do atrasado, do bonito e do feio, do capaz e do incapaz, do que pode saber e do que não pode saber, do que pode crescer e do que não pode crescer.

Diríamos que as crianças costumam fazer sintomas naqueles lugares que se tornam insuportáveis para seus pais. A Gabriel está destinado o lugar de quem não pode saber, o lugar de quem não pode crescer. O lugar de quem não pode ser, me pergunto? Do que se trata quan-

As  
crianças  
costumam  
fazer  
sintomas  
naqueles  
lugares que  
se tornam  
insuportáveis  
para seus  
pais.

pectativas parentais: ou seja, Rodrigo é o melhor, e parece, até agora, ocupar razoavelmente bem o lugar que lhe foi reservado. A expectativa dos pais é de que o resultado de Q.I. de Rodrigo seja acima da média. Com efeito, cometo um erro na pontuação e o resultado inicial de Rodrigo é acima da média.

A expectativa dos pais de Gabriel é de que seus resultados dêem abaixo ou na média. Gabriel se angustia muito ao fazer os testes, quer terminar logo, não realiza as tarefas com tranquilidade. Entre as testagens,

do nos referimos a Renato e Roberta? De antemão, podemos suspeitar de que se trata, sim, de “algo” que é da ordem do insuportável, “algo” que não obtém ordens de significação estruturantes.

O que deveria eu, então, atestar? O pedido dos pais parece ser o de manter esta cisão a qualquer custo. Os filhos representam a clivagem: o filho desejado e o filho não desejado, o desejo de ter filhos e o desejo de não ter filhos.

A última sessão antes das férias é permeada por uma certa formalidade, um silêncio... Roberta se despede dizendo que agora deseja pensar sobre sua vida, descobrir o que quer fazer, em que deseja trabalhar, já que não viajariam mais para o exterior. Roberta pede um encaminhamento para uma análise individual. Sabemos que será através da livre-associação no interior de uma análise que Roberta poderá ascender às determinações desejantes que a regem.

Renato, envolto em seus empreendimentos, se sente mais próximo de Gabriel, começa a dar mais atenção a este filho excluído. Em certo momento da sessão, no entanto, comentam, *en passant*, o aborto que Roberta havia feito alguns dias atrás. Aborto: aquilo que da ordem do não simbolizado é posto em ato. Aborto: Roberta diz ter feito aquilo que Renato desejava, e Renato desejava não ter esse filho. Roberta não sabe muito bem de seu desejo.

O conceito de transferência encontra sua especificidade psicanalítica ao revelar - através do movimento regressivo por meio do qual o sujeito busca satisfazer suas pulsões, e com isto “obstaculizando” parcialmente o processo analítico - as marcas constitutivas do sujeito. Não existe estado amoroso que não reproduza protótipos infantis, e é precisamente desta determinação infantil que ele recebe seu caráter compulsivo, beirando como o faz o patológico. Fenômeno universal, e não um atributo criado no espaço analítico, a transferência se origina da estrutura da

neurose e se relaciona com a estrutura libidinal do sujeito.

Nessa medida, a neurose de transferência situa-se como uma figura constituída no espaço analítico com o objetivo de permitir a simbolização, uma vez que, por ser seu objeto, o analista está colocado em seu próprio centro. Os sintomas do paciente abandonam seu significado inicial e assumem um novo sen-

(*Bindung*) no interior do sistema em questão. Quando Freud observa que as inflexões da técnica tornaram-se inoperantes diante de um “fato novo” - ou seja, a descoberta de que a compulsão à repetição também “re-memora” do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer —, é levado a se perguntar se em certos casos “a própria dominação do princípio do prazer

O conceito de transferência encontra sua especificidade analítica ao revelar as marcas constitutivas do sujeito: isto se dá no movimento regressivo pelo qual ele busca satisfazer suas pulsões.

tido. Será, pois, o manejo da transferência por parte do analista o principal instrumento para transformar a repetição transferencial<sup>5</sup> do analisando num motivo para recordar. No entanto, ao associarmos o conceito de transferência com tudo o que ele comporta - “falsa-ligação”, resistência, repetição<sup>6</sup> - ao *playground* freudiano, o conceito de compulsão à repetição adquire um estatuto diferenciado que comporta, ele próprio, outras noções cruciais, tais como a noção de princípio de prazer, de pulsão de vida, de pulsão de morte, e a noção de ligação.

O traumatismo, se antes fora concebido enquanto aquilo que é experienciado como “corpo estranho” (1895), em “Além do princípio do prazer” (1920) é proposto como uma relação entre quantidades que ingresam e a incapacidade de ligação

não suportará a realização prévia da tarefa (...) de dominar ou ligar a excitação, tarefa que prevaleceria, não, é claro, em oposição com o princípio do prazer, mas independente dele e parcialmente sem o levar em conta<sup>7</sup>. Assim, em “O problema econômico do masoquismo”, Freud diferencia os dois princípios aqui envolvidos: o princípio de prazer e o princípio de Nirvana, que expressa a tendência da pulsão de morte. “Temos de perceber”, diz Freud, “que o princípio de Nirvana, pertencendo como pertence à pulsão de morte, experimentou nos organismos vivos uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer, e doravante evitaremos encarar os dois princípios como um só. (...) Não é difícil imaginar a força que foi a fonte da modificação. Ela só pode ser o instinto de vida, a libido, que assim,

lado a lado com a pulsão de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos de vida. Assim, (...) o princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de prazer representa as exigências da libido...”<sup>8</sup>.

Em outras palavras, em “Além do princípio...” o dualismo pulsional estabelece-se, definitivamente, entre pulsões de vida e pulsões de morte. A meta da pulsão de vida, ou Eros, é produzir unidades cada vez maiores, e assim conservá-las, enquanto a meta da pulsão de morte é, ao contrário, dissolver nexos, e assim, destruir as coisas do mundo, sendo seu objetivo último levar a zero ou pelo menos reduzir o máximo possível toda a quantidade de excitação de origem externa ou interna. Nessa medida, aquilo que está *destinado* à com-pulsão à repetição é o que não consegue se ligar, quer dizer, o que não obtém ordens de significação estruturantes; ou seja, aquilo que insiste sob o modo de pulsão de morte.

que lhe é impossível “ligar”, nem mesmo nomear. Abandonado por um pai que, ao separar-se de sua mulher, desaparece antes do terceiro aniversário do filho, João foi criado por uma mãe cujo desaparecimento do marido deu-se para além da exterioridade – lhe era insuportável a constituição desta presença para o filho, através da fala materna.

Durante muitos anos de análise, quando as férias, feriados, finais de semana e de sessão aproximavam-se, João era jogado em um túnel do tempo – sem fim. Este foi, durante muitos anos, um sonho recorrente: experienciava uma queda longa e sem fim, num buraco sem fundo.

E o que dizer de João, quando, durante longos períodos, sua análise era permeada por uma transferência, ou melhor, por uma *intensidade transferencial* que no entanto o levava de volta ao mesmo buraco sem fundo. É importante observar aqui que entendo que a transferência será “negativa” somente quando o traba-

mesma.

Qualquer movimento, tom de voz, palavra, até mesmo reconhecidos por João – sua analista também não é natural da cidade de São Paulo, como sua mãe; sua analista lembra-lhe sua mãe fisicamente, sua analista parece mover-se como sua mãe – eram *índicios*<sup>9</sup> de desamor, de desafeto, de algo que lhe era impossível nomear. Tudo era recebido por João como sinal de uma indiferença mortífera, que fazia dele um João-ninquém. João dizia não se sentir uma pessoa, dizia sentir-se uma “coisa” — objeto de necessidade da mãe?

### **Caminhos de uma relação entre o eu e o não-eu**

Ao reunir observações e reflexões acerca da pulsão de morte na vida psíquica, Natalie Zaltzman<sup>10</sup> propõe que cada vez que Thanatos ocupe o primeiro plano na cena psíquica, o objeto libidinal se impõe como um objeto de necessidade, na medida em que evoca o objeto de uma necessidade no universo humano e a satisfação que ela traz a uma função vital, sem a conotação habitualmente indissociável de prazer e erotização.

Pois sim, Zaltzman sustenta que há uma dimensão da vida psíquica onde o objeto tem uma valência mental de necessidade não erótica. Propõe que as pulsões de morte remobilizadas funcionem contra o assujeitamento de um sujeito pelo outro. Aquele sujeito mesmo, portador de desejos inconscientes de um outro, poderá funcionar, além disso, como este objeto mesmo cuja valência mental será de uma neces os caminhos de uma relação entre um sujeito e o outro. O modelo da relação de objeto construído para dar

**S**erá graças ao trabalho analítico que representações psíquicas irão substituir a materialidade da pulsão de morte.

#### **João**

E o que dizer de João? Em análise há alguns anos, este homem, também em torno de seus quarenta anos, bastante inteligente, traz, compulsivamente, notícias à analista de “algo”

lho analítico é impedido de se realizar. Utilizo a denominação *intensidade transferencial* para chamar atenção ao aspecto econômico da transferência, em momentos de uma análise em que o trabalho de livre-associação está como que atravancado por esta intensidade

conta das organizações psíquicas de origem sexual é ultrapassado pelo modo de funcionamento e formas resultantes das pulsões de morte. Mas, atenção, será graças ao trabalho analítico que representações psíquicas irão *substituir a materialidade* da atividade das pulsões de morte.

Dito de outro forma, entendo que, nestes casos, “os caminhos de uma relação entre um sujeito e outro”, ou seja, entre o eu e o não-eu, estão ainda para ser constituídos, construídos. Trata-se, nos casos em que o dispositivo analítico nos parece insuficiente, e também em certos momentos de uma análise, de manejar os instrumentos de que dispomos — interpretação, pontuação, construção — na tentativa de constituir sistemas de demora que possibilitem os movimentos pertinentes para que o aparelho psíquico passe da identidade de percepção à identidade de pensamento<sup>11</sup>.

## João uma vez mais

Durante anos e anos a fio, havia algo que João não se cansava de repetir, e a cada vez com a mesma atualidade e intensidade que a anterior, dizia que sua analista não lhe dava a mínima, que sabia, que podia sentir que sua analista não gostava dele.

Estes últimos tempos de análise são marcados por uma representação mortífera: sua mãe deseja lhe matar. Diz que sabe que se ela pudesse acabaria com ele. O relato de João, no entanto, diz de uma mãe que, para sobreviver, necessitava “matar-se” e, por extensão, ao filho.

João não falta às sessões, traz consigo tudo e algo mais. E é este “algo mais”, produzido no momento mesmo em que vê sua analista, que lhe é impossível nomear — para *aquem* do buraco sem fundo. Com o passar dos anos, a palavra “resistência”, tornou-se insuficiente. Como diz Freud, o que impressiona é exatamente o fato de que o sujeito parece ter uma experiência *passiva*, sobre a qual não possui qualquer influência.

## História transferencial: a força de contra-investimento

Frente à reativação do desprazer, produzido por grandes quantidades não metabolizáveis pelo psiquismo incipiente, será a capacidade de ligação do aparelho psíquico que definirá as possibilidades de domínio desta energia. De fato, a fixação ou inscrição decorre das primeiras ligações, correspondentes ao primeiro esboço de organização do aparelho psíquico, e essas primeiras ligações são sínteses passivas, apenas limitam ou impedem, através do

representação de palavras, que é característica do sistema pré-consciente-consciente. Será apenas num segundo momento que estas sínteses passivas se tornarão sínteses ativas.

Freud afirma que antes desta organização psíquica, ou seja, do recalque fundar a diferença entre os dois sistemas, a tarefa de afastar as moções pulsionais ficou a cargo das outras vicissitudes pulsionais como a transformação no seu oposto, ou o retorno sobre o próprio sujeito, isto é, outros destinos pulsionais que podem atuar como defesa, orientando-se

A distinção entre *repetição transferencial* e *compulsão à repetição* pode apontar caminhos de produção de sentido, de ligação. Ela se justifica a partir do último dualismo pulsional estabelecido por Freud.

mecanismo do contra-investimento, o livre-escoamento das excitações. O contra-investimento é o único mecanismo do recalque primário ou originário, nos diz Freud. No caso, designa uma defesa contra um excesso de excitação proveniente do exterior, capaz de romper o escudo protetor contra os estímulos.

Como sabemos, a natureza do conteúdo do recalque primário ou originário constitui-se de representantes da pulsão, isto é, imagens de objetos ou de algo do objeto que se inscrevem nos sistemas mnêmicos, por oposição à

contra o próprio ego. Assim, essa clivagem da subjetividade nos sistemas inconsciente e pré-consciente-consciente é operada precisamente pelo recalque. E, se o originariamente recalqueado, quando retorna, o faz de forma alucinatória bruta<sup>12</sup>, fica evidente que, neste momento, este retorno traz notícias ao analista de algo que nunca foi efetivamente ligado, de algo que insiste sob o modo de pulsão de morte.

Sabemos que muitos analistas pós-freudianos têm trabalhado a questão da técnica, oriunda de uma derá apontar-nos caminhos — “vias

colaterais” – de atividade de produção de sentido, de ligação. Pensar que a pulsão de morte garante a presen-

Assim, este aparelho psíquico “le-sado”, cuja capacidade de ligação definirá as possibilidades de domí-

ção consolidar posteriormente. Essa inquietante estranheza a que Freud aludia em “O estranho” é o familiar<sup>15</sup> que se tornou estranho, aquilo que, desgarrado do sujeito, volta a importuná-lo constantemente, de modo ameaçador. ■

**P**ara que o aparelho psíquico passe da identidade de percepção à identidade de pensamento, é necessário que se fundem os espaços externo-interior e interno-exterior.

ça-ausência do Outro, sem o qual não existe um “eu” que fala e deseja, como diz Leclaire, é pensar que a circulação da atividade das pulsões de morte não fornece necessariamente “os caminhos de uma relação entre um sujeito e outro”, uma vez que os “caminhos” entre o eu e o não-eu ainda estão para ser constituídos, construídos<sup>14</sup>. Nessa medida, quando na situação analítica, o originariamente recalçado retorna, o faz de forma alucinatória bruta, é porque não foi contra-vestido. Em outras palavras, o retorno do recalçado realiza-se por meio da livre associação, imposta pela regra fundamental. Só poderá ter por objeto os elementos que já tenham sofrido o recalque secundário ou propriamente dito, aquele do *a posteriori* (*Nachdrängen*), enquanto conjunto consciente ou pré-consciente, tendo adquirido, no decorrer da história do sujeito, estruturação suficiente para ter-se inscrito em um quadro memorial.

nio destas quantidades não metabolizáveis, toma emprestado, na história transferencial — transferência que paciente e analista vivem e constroem em comum *como história transferencial* — a força de contra-vestimento ao recalçamento originário, que a falta de uma referência terciária obstaculizou. História transferencial que se constituirá ao possibilitar a abertura de um campo de circulação obturado desde as origens. História porque produtora de sentido, de significado, de ligação.

Nessa medida, entendo que, para que o aparelho psíquico passe da identidade de percepção à identidade de pensamento é necessário que se constitua a diferenciação no interior do próprio aparelho, ao fundarem-se os espaços externo-interior e interno-exterior. A “presença-ausência do Outro” será aqui a condição da separação desse si-mesmo que retorna “alucinatoriamente”, e que o recalçado secundário tem como fun-

## NOTAS

1. S. Freud, “Repetir, recordar e elaborar”, Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 12, p. 197.
2. J.-B. Pontalis, “A estranheza da transferência”, in *A força de atração*, Rio de Janeiro, Zahar, 1991, p. 88.
3. Cf. S. de V. Titan, “Relação conjugal e relação analítica”, in *Casal e família como paciente*, São Paulo, Escuta, 1994, p. 11-50.
4. Esta é uma tradução literal do ditado de língua inglesa “*a penny for your thoughts*”.
5. Em 1914, a noção de “compulsão à repetição” está associada, ou melhor, sobreposta à noção de “repetição transferencial”. Cf. S. Freud, “Repetir, recordar e elaborar”. Cf. igualmente G. Bartucci, “A construção do conceito freudiano de transferência”, in *A transferência: entre o simbolizável e o resto*, dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, PUC/SP, 1997, p. 19-54.
6. Ao refletir sobre os pedidos das crianças para contar a mesma história repetidas vezes, Freud explicita claramente que este fato não contradiz o princípio do prazer. Diz ele: “*a repetição*, e reexperiência, de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer. No caso de uma pessoa em análise, pelo contrário, *a compulsão à repetição* na transferência evidentemente despreza o princípio de prazer sob todos os modos”, in “Além do princípio do prazer”, ESB, v. 18, p. 53; itálicos meus.
7. S. Freud, *op. cit.*, p. 57.
8. S. Freud, “O problema econômico do masoquismo”, ESB v. 19, p. 201.
9. Também entendo “indício” como “vestígio/ rastro”, em oposição à ícone, signo ou símbolo, que apresentam diferentes tipos de relação com outros referentes. Qualquer “conclusão” dada a partir de uma circunstância indicatória terá sido sempre autorizada por “indução”.
10. Cf. N. Zaltzman, *A pulsão anarquista*. São Paulo, Escuta, 1994.
11. Como nos ensina Freud, o que se alucina são os *indícios de percepção* que acompanham a experiência de satisfação. A alucinação primitiva é o caminho mais curto para obter a identidade de percepção.
12. “Os traumas, Freud indica ainda, são ou bem experiências relativas ao próprio corpo, ou bem percepções sensoriais, principalmente de ordem visual e auditiva”. Cf. M. Dylan, “Economie Traumatique”, in *Trauma et devenir psychique*. Paris, Presse Universitaire, 1995, p. 12.
13. Cf. L. C. Menezes, “Além do princípio do prazer: a técnica em questão”, in S. L. Alonso, e A. M. Leal, (orgs.) *Freud: um ciclo de leituras*, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Escuta/Fapesp, 1997, p. 261-276.
14. Cf. a noção de “neogênese” proposta por S. Bleichmar, in *A fundação do inconsciente*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
15. Entendo este “familiar” como *projeção mimética do mesmo* que somente a posteriori poderá tornar-se duplo. Cf. P. Férida, in *Nome, figura e memória*, São Paulo, Escuta, 1991.